

VISÃO DO CORREIO

Orelha e a crise moral brasileira

Nos últimos dias, o Brasil experimentou um misto de revolta e comoção com a morte do cachorro Orelha, vítima de uma brutal sessão de violência em Praia Brava, região de alto poder aquisitivo em Santa Catarina. As informações disponíveis até aqui dão conta de que pelo menos quatro adolescentes são autores da barbárie. Mais grave: há suspeitas de que adultos familiares dos jovens cometem o crime de coação, por pressionar uma testemunha que teria imagens comprometedoras do ato brutal cometido contra Orelha.

Há várias leituras possíveis desse episódio lamentável. Para muitos, a morte de Orelha sintetiza uma face conhecida da sociedade brasileira: jovens bem nascidos, com acesso a escolas de qualidade e pertencentes a famílias supostamente "de bem", são capazes de cometer atos chocantes. Nos anos de 1990, Brasília foi palco de uma tragédia traumática, com ingredientes perturbadores. Na alta madrugada, cinco jovens atearam fogo no pataxó Galdino de Jesus, que dormia em uma parada de ônibus na Asa Sul. A polícia, os assassinos deram uma justificativa desconcertante: pensavam que se tratava de um mendigo. Como se tirar a vida de um mendigo fosse menos grave do que a de um indígena.

Naturalmente, não se trata de comparar mendigos, indígenas e cães nos crimes citados acima. O foco aqui é a perplexidade causada pelo absoluto desprezo de jovens pela vida alheia. Em um país marcado por tanta desigualdade e tanta violência, é de fato revoltante ver adolescentes privilegiados imporem esse martírio a uma criatura dócil — Orelha era um cão comunitário de 10 anos em Praia Brava. O crime motivou uma série de questionamentos pertinentes

para o Brasil contemporâneo: o que se passa na cabeça dessa juventude que encontra diversão em agredir de forma gratuita? Que tipo de pais e parentes são capazes de coagir testemunhas para acobertar um crime? Esse caso é pertinente para se falar em redução da maioridade penal, tema que, mais uma vez, tem sido polarizado no debate político? A legislação vigente é suficiente para proteger animais de maus-tratos?

Em meio a tantos questionamentos, esse espaço prefere dar prioridade aos mais vulneráveis. No Brasil, abuso ou maus-tratos de cães e gatos pode levar a dois a cinco anos de reclusão em regime fechado, além de multa e proibição de guarda de animais. A legislação sofreu uma mudança em 2020 por meio da Lei Sansão, em homenagem ao cão pitbull que teve suas patas decepadas após um desentendimento de vizinhos em Minas Gerais. Se considerado o tráfico de animais, outra face da crueldade contra as criaturas indefesas, o quadro é mais desalentador: estima-se que apenas 10% dos animais contrabandeados cheguem vivos ao destino dos compradores. "É uma carnificina", alertou o deputado federal Fred Costa (PRD-MG), em discurso na tribuna da Câmara em 2024.

Punições mais severas para quem comete crimes contra animais domésticos e silvestres são uma alternativa. Mas há um aspecto moral que precisa ser enfrentado por toda família brasileira. Conhecida pela defesa de animais, a primeira-dama Janja da Silva fez uma reflexão pertinente ao comentar a morte de Orelha: "A perversidade não nasce do nada. Ela é cultivada na omissão, na falta de limites, de cuidado, de presença, e também na impunidade", disse a tutora de Resistência, Esperança e Paris.



ANA DUBEUX
anadubeux.correio@gmail.com

Assim caminha a desumanidade

Não faltam episódios que condenam o mundo a um estado de bestialidade. A estupidez, a ignorância e a violência caminham juntas em qualquer lugar do planeta, legando a nós, gente de bem, um sentimento terrível de que estamos cercados de ódio e perigo. O cãozinho Orelha, morto com requintes de crueldade por uma turba de adolescentes bem nascidos, motivou revolta e mobilização nacional. O menino de 16 anos violentamente agredido por um lutador com histórico de agressões, depois de uma discussão motivada por um chiclete, permanece em coma e a família segue em vigília e dor, clamando por justiça.

Poderia citar muitos casos mundo afora nos quais fica evidente o desprezo pela vida e a decisão de que a violência deve prosperar diante de qualquer incômodo. É fácil matar, agredir, emular, humilhar, declarar guerras, ultrapassar limites morais, cívicos e humanos. O que se tornou profundamente difícil é encontrar soluções e rotas para trilhar o caminho inverso: acreditar, respeitar, proteger, acolher, salvar, amar o próximo. Sim, tem muita gente de bem, disposta a lutar por justiça, igualdade e fraternidade. Mas toda vez que ocorre um caso em que enxergamos a desumanidade em estado bruto, é inevitável pensar que chegamos a um ponto de não retorno.

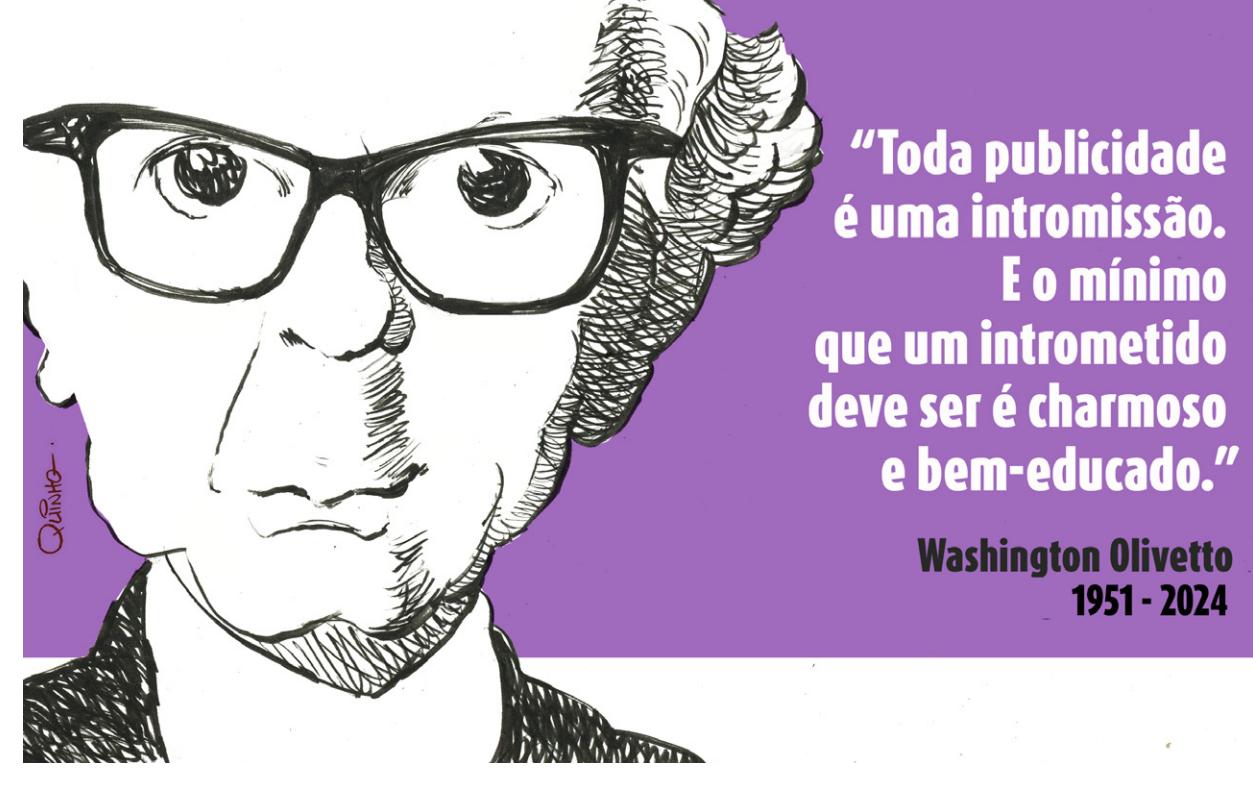
Tem solução? Um ser humano pode ser restaurado, resetado, reanimado, como se fosse uma máquina passando por atualizações de segurança? Só vejo uma forma disso acontecer. Com trabalho em rede, educação com limites, propósito e firmeza desde a infância, com senso de comunidade e atenção à saúde mental. Esse combo não é pouca coisa e não custa caro, mas leva tempo. Por isso, precisamos de mais

mobilização para debater com profundidade e partir para a ação.

Mesmo com uma semana de noticiário quente, aqui no *Correio Braziliense* nós paramos. Mas para refletir. Paramos para reunir mulheres incríveis no primeiro *CB Debate* do ano, *Pela proteção das mulheres: um compromisso de todos*, para discutir soluções de combate e prevenção à violência contra a mulher. Paramos também para falar de acolhimento à população LGBTQIA no Dia Nacional da Visibilidade Trans. Paramos para discutir saúde mental no evento *Janeiro Branco: diálogos sobre a saúde mental no Brasil*. Paramos porque entendemos que só despejar notícia ruim não leva a um lugar de transformação.

Coletivamente, o que precisamos fazer é trabalhar para mudar leis ou mesmo para cumprir-las em sua integralidade; é denunciar, exigir justiça, entender que a vida bestial de redes sociais é só cenário bobo e que devemos aproveitar o potencial da internet para construir pontes e caminhos, porque há muito conteúdo bom e formador de caráter circulando na rede. Há saberes de todo o tipo e pessoas incríveis distribuindo letramento gratuito, mas só para quem quer encontrar.

Individualmente, devemos fazer o nosso melhor, resgatar os bons valores, estar próximos de pessoas que agregam e buscar a satisfação mental a qualquer custo. Eu escrevi esse artigo e corri para o Lago Paranoá, para a canoa havaiana, que tem sido refúgio e aprendizado. Não faço isso para me alienar dos problemas e de todas essas dores, mas entender que meu corpo e minha mente devem estar protegidos para enfrentar tudo o que ainda vem por aí. Não será um ano fácil, como janeiro já mostrou. E você, quais são suas estratégias?



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Intolerância e imediatismo

Estamos vivendo um momento em que a intolerância anda com pressa e o que deveria ser resolvido com diálogo vira confronto. E o mais preocupante: isso tem sido cada vez mais comum entre os jovens. Há uma falsa ideia de que reagir com violência é sinal de força. Não é. Violência é, quase sempre, a manifestação mais clara de incapacidade emocional e intelectual. Falta repertório para lidar com frustração, divergência, limite e convivência. Ninguém aprende a dialogar se não aprende a esperar. Ninguém aprende a respeitar se não aprende a ouvir. Ninguém aprende a conviver se acredita que tem sempre razão. A pressa, a cultura do imediatismo, a dificuldade de lidar com o "não" e com a frustração têm formado uma geração que reage antes de pensar e agride antes de tentar entender. Resolver conflito de forma humana não é fraqueza. É evolução! É preciso aprender — ou, em alguns casos, reaprender — que respeito não é opção e que divergência não é ataque pessoal. A paz social não começa nas leis, começa na forma como educamos nossos filhos e nossas filhas. Começa nas atitudes diárias, nas pequenas escolhas, na forma como cada um decide reagir diante do conflito. E isso, ainda, é nossa escolha!

» **Andrea Baeza**

Brasília

Contas públicas

A mídia noticiou com estardalhaço o monumental rombo atual das contas públicas: R\$ 55 bilhões! De fato, é um valor de assustar. Mas, gente, existe uma maneira de solucionar esse imbróglio: cobrir esse rombo com parte das emendas parlamentares para 2026 de R\$ 61 bilhões, dinheiro esse que terá os destinos mais estapafúrdios da paróquia, haja vista o trabalho que está tendo o ministro Flávio Dino tentando descobrir para onde vai toda essa dinheirama. E observem que ainda sobrariam R\$ 6 bilhões para as excelências do Congresso gastarem. Dividindo esses 6 bilhões pelas excelências (81 senadores e 513 deputados federais), caberá para cada um 10 milhões e 101 mil reais, o que, convenhamos, é uma quantia que poucos brasileiros possuem.

» **Paulo Molina Prates**

Asa Norte

Condomínios

É no começo do ano que, geralmente, ocorrem as assembleias em que são votadas para aprovação ou rejeição das contas de condomínios e associações de proprietários e moradores. É comum, entretanto, que síndicos não exponham as análises feitas pelo Conselho Fiscal, que tem a obrigação de analisar as contas e fiscalizar os atos praticados pelos síndicos. Fica a sugestão para o Congresso Nacional aprovar lei tornando obrigatória apresentação das análises feitas pelos conselhos fiscais, para que condôminos possam votar com mais propriedade o relatório por eles produzido. E, enquanto não vira lei, seria bom que os condôminos adotassem o procedimento em questão como boa prática.

» **Marcos Paulino**

Vicente Pires

Desabafo

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Se houve deficit, a meta não foi cumprida. Apesar do plano econômico do Haddad, aumento de impostos e de arrecadação recorde, esse governo não consegue cumprir a meta econômica. Vergonha!

Edison Sadao Ito — Jardim Botânico

O governo comemora ter "cumprido a meta" mesmo com deficit, como se equilibrar as contas públicas fosse um feito de criatividade contábil. Tudo indica que as contas fecham por milagre, não por gestão.

Pacelli M. Zahler — Sudoeste

A W3 está abandonada. Está virando comércio de temporada. As coisas abrem e sobrevivem por pouco tempo. Imagine as dificuldades enfrentadas pelas empresas antigas que ainda persistem!

Cleandro Leite — Brasília

Para um pai, ver o filho ser preso não deve ser fácil. Ver o filho em coma após uma agressão, é pior ainda.

Abrahão F. do Nascimento — Águas Claras

Jornalismo digital

Em *Manual de jornalismo na internet* (1997), os jornalistas e acadêmicos Marcos Silva Palacios e Elias Machado Gonçalves afirmam: "O jornalismo digital representa a adaptação de uma modalidade específica de conhecimento da realidade a um novo suporte comunicacional, a tecnologia de transmissão digital de informações". Uma nova modalidade de jornalismo toma conta das telas dos computadores, transformando a forma como a informação é produzida, distribuída e consumida. Mais interativo, multimídia e conectado às redes sociais, o jornalismo digital não apenas ocupa espaço nas telas, mas redefine o papel do jornalista e inaugura uma era em que a velocidade e a interatividade são tão importantes quanto a credibilidade da informação. Convém, entretanto, destacar que os parâmetros fundamentais da comunicação social, sob a perspectiva do complexo midiático — tanto on-line quanto off-line —, têm suas raízes em tempos passados, com figuras como Machado de Assis (1839-1908): "O jornal é a verdadeira forma da república do pensamento. É a locomotiva intelectual em viagem para mundos desconhecidos, é a literatura comum, universal, altamente democrática, reproduzida todos os dias, levando em si a frescura das ideias e o fogo das convicções" (*O jornal e o livro*, 1859).

» **Marcos Fabrício**

Asa Norte

CORREIO BRAZILIENSE

"Na quarta parte nova os campos ará
E se mais mundo houvera, lá chegara"

Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA

Localidade SEG/SÁB DOM

DF/GO R\$ 5,00 R\$ 7,00

ASSINATURA*

SEG a DOM

R\$ 1.187,88

360 EDIÇÕES

(promocional)

Assine (61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 WhatsApp

*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.

Correio do Comércio e Indústria (3342-1000) ou (61) 98163045 WhatsApp, para mais informações sobre preços e condições de assinatura, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empréstimo terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anuncie (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 WhatsApp

Publicidade (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 WhatsApp

Classificados (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 WhatsApp

SA-CORREIO BRAZILIENSE— Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rua Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 WhatsApp.

ANJ

Endereço na internet: <http://www.correioeb.com.br>

Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press.

Tel: (61) 3214-1131

DÍARIOS ASSOCIADOS

D.A Press Multimídia

Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias;

SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;

de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:

Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h;

sábados, das 14h às 21h; domingos e feriados, das 15h às 22h.

Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.

E-mail: dapress@dab.com.br Site: www.dapress.com.br